

REVOLUÇÃO SEXUAL: RETRATOS DE UMA IDENTIDADE SINGULAR

SEXUAL REVOLUTION:
PORTRAITS OF A UNIQUE IDENTITY

Christian Gustavo de Sousa¹

RESUMO

Este artigo apresenta a construção do ensaio fotográfico Revolução Sexual e teoriza sobre, em pleno século XXI, qual - ou como - seria essa revolução sexual? E como traduzir essa ideia em um ensaio fotográfico? A partir destas questões iniciais, realizei pesquisas acerca de temas como Contracultura, Revolução Sexual dos anos 60/70, a Revista Eros, conexões com filósofos contemporâneos como Judith Butler e Paul B. Preciado, entre outros. Uma vez apresentados os resultados das pesquisas, teoriza-se sobre àquelas questões, apresentando respostas a elas e, por fim, o processo criativo e realização do ensaio fotográfico que traduziria o sentimento e a essência de uma nova revolução sexual baseada na própria aceitação da identidade de cada um e registrados em cada um dos retratos deste projeto.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; Revolução Sexual; Século XXI; Identidade; Retratos.

ABSTRACT

This article presents the construction of the Sexual Revolution photo essay and theorizes about, in the 21st century, what - or how - this sexual revolution would be? And how to translate this idea into a photo essay? From these initial questions, I conducted research on topics such as Counterculture, Sexual Revolution of the 60s / 70s, Revista Eros, connections with contemporary philosophers such as Judith Butler and Paul B. Preciado, among others. Once the results of the research are presented, it is theorized about those questions, presenting answers to them and, finally, the creative process and realization of the photo essay that would translate the feeling and the essence of a new sexual revolution based on the very acceptance of identity of each one and registered in each of the portraits of this project.

KEYWORDS

Photography; Sexual Revolution; 21st Century; Identity; Portraits.

Sessão Click 2019

Em agosto de 2019, fui convidado a participar do projeto Sessão Click, organizado pelo diretor de teatro, Kako Soares. Esta foi a segunda vez que participei do mencionado projeto. A primeira foi em 2018, com o tema Sexo, Drogas e Rock 'n Roll². Nesta nova edição, o tema escolhido foi Revolução Sexual (anos 60 e 70). Refletindo sobre, percebi que não queria desenvolver um ensaio fotográfico com uma narrativa literal do ocorrido naqueles anos, mas relacioná-lo ao nosso tempo presente. Assim, duas questões me surgiram: hoje, em pleno século XXI, qual - ou como - seria essa revolução sexual? E como traduzir essa ideia em um ensaio fotográfico?

Era essencial ter essas perguntas respondidas para a realização do projeto. No entanto, tais respostas só viriam com o melhor entendimento do que foi a Revolução Sexual e sua influência sobre a construção dos movimentos identitários que o sucederam.

Então, apresento os caminhos realizados desde as minhas pesquisas iniciais e seus resultados até a construção das fotografias, passando por uma breve explanação sobre a Revolução Sexual e Contracultura, assim como, a revista Eros e a teoria de Faramerz Dabhoiwala sobre o que ele considera ser a verdadeira primeira revolução sexual. Em seguida, como idealizo a revolução sexual do século XXI em resposta às minhas questões iniciais e, por fim, a construção do ensaio fotográfico Revolução Sexual.

Contracultura e Revolução Sexual anos 60/70

Primeiramente, é preciso compreender que a Revolução Sexual foi fortemente ligada à Contracultura. Por esta, entendamos como algo que "plantou uma nova ideia de família, de casamento, das relações sexuais; de uma outra atitude para com a natureza, para com o próprio corpo e para com Deus." (ALMEIDA, 1996)³. Assim, a Contracultura veio para contestar, principalmente, as instituições - sociais e religiosas - e as regras impostas ao comportamento e às relações humanas.

Segundo, a Revolução Sexual foi um movimento pertencente a sociedade ocidental, mas que se fez conhecido mundialmente a partir, principalmente, de eventos como

o Woodstock (EUA) e o Maio de 68 (França)⁴. No Brasil, exerceu influência sobre o Tropicalismo⁵. Cada um deles teve suas características próprias, mas todas unidas por temáticas afins, principalmente, a repressão do Estado e das instituições sobre nossos corpos e nossas sexualidades, como afirma Patrícia Barros⁶:

Em contraponto à repressão sexual, desenha-se com a proposta contracultural, a formação de uma "nova consciência" que abarcava temáticas consideradas até então "sem tanta importância" frente a problemas tidos pelas alas conservadoras da direita e esquerda, como "sérios", estruturais. Sobre a sexualidade, dentro da perspectiva da contracultura, discutiu-se acerca do corpo e de como as instituições (estado, escola e família, a exemplo) a controlavam de forma autoritária. (BARROS, 2017, p.100-101).

Barros ainda pontua que "Muitas das propostas contraculturais emergiam mais como um anseio romântico do que como efetiva transformação social, ainda que suas reverberações alcancem os dias atuais" (BARROS, 2017)⁷. Para entender esta sentença, é preciso ter em mente que, diferentemente de outras revoluções, a revolução sexual dos anos 60/70 foi um movimento pacífico, envolta mais em uma atmosfera de paz, amor e música do que propriamente política, de encontro aos tabus culturais e morais vigentes, principalmente, as instituições sociais.⁸ No entanto, se observada pelos dias atuais, percebe-se a sua grande importância não apenas nas transformações políticas posteriores, mas por ter sido a primeira vez que um grande número de jovens, no mundo ocidental, se reuniram para contestar o próprio sistema e alcançar um novo tipo de liberdade.

A liberdade sexual foi o traço de comportamento que melhor caracterizou o Flower Power. Durante vinte anos, dos anos 1960 aos 1980, houve mais celebração do sexo do que em qualquer outro período da História; já havia a pílula anticoncepcional e a Aids ainda não havia mostrado sua cara. (...) O principal objetivo da Revolução Sexual é a eliminação, ou pelo menos a diminuição, da repressão. A aspiração, em suma, é por uma maior liberdade sexual. Essa aspiração sempre foi experimentada como uma necessidade crucial pela maioria das pessoas que, porém, tradicionalmente optavam entre duas alternativas, as que lhes eram normalmente oferecidas: ou se submetiam de corpo e alma à repressão, o que originava distúrbios psíquicos, ou procuravam atender às solicitações naturais das pulsões sexuais em segredo, escondidas de modo hipócrita e mentiroso. De qualquer maneira, a repressão sexual sempre causou problemas emocionais. O combate à repressão e a aspiração pela liberdade sexual significam uma busca decidida da saúde psíquica, que exige sinceridade consigo próprio, honestidade de propósitos e principalmente coragem. (LINS, 2012, Livro Digital).⁹

No entanto, por mais que a Revolução Sexual não seja vista, no seu momento, como um movimento político, é inegável que a partir dela uma nova forma de se pensar começou a se construir. Alimentada, principalmente, pelos anos pré-Revolução Sexual, nos quais já se mostravam propícios a mudanças: as frustrações dos jovens em relação a sociedade de consumo, aos seus próprios pais e à Guerra Fria; o Rock'n'Roll; e a invenção da pílula anticoncepcional que altera profundamente a construção social patriarcal e liberta a mulher do seu papel de procriadora e submissa, lutando pelo direito ao próprio corpo, especialmente, a própria sexualidade.

O sistema patriarcal entre nós há 5 mil anos, que se apoiou na divisão sexual de tarefas e no controle da fecundidade da mulher — a mulher tinha quantos filhos o homem quisesse, passando grande parte da vida grávida —, recebe assim um golpe fatal e começa a entrar em declínio. A mulher, a partir de então, passa a ter a possibilidade de não só dividir o poder econômico com o homem, como ter filhos se quiser ou quando quiser. (LINS, 2012, ePub)¹⁰.

Assim, a Revolução Sexual, ainda que não tenha realizado mudanças concretas em sua época, foi um importante marco na construção de nossas próprias identidades e no olhar sobre nós mesmos. Além disso, as questões levantadas durante sua realização ecoaram em vários movimentos - como o feminista e o gay¹¹ - que nas décadas seguintes lutaram por temas essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária e têm sido responsáveis por conquistas essenciais para os direitos humanos.

As mulheres lutavam por uma verdadeira autonomia feminina, não era a busca de uma liberação sexual, era bem diferente. Elas buscavam uma autonomia sobre seus corpos, queriam usufruir do direito de decidir se querem abortar ou se desejam consentir ou não com uma relação sexual (BOZON, 2018).¹²

Todos esses fatos, resultantes das minhas pesquisas, trouxeram-me um melhor entendimento do que foi a Revolução Sexual e já seriam suficientes tanto nas questões iniciais como na construção do projeto fotográfico. No entanto, é importante citar dois fatos resultantes das pesquisas: a *Revista Eros* e o livro *As Origens do Sexo - uma história da primeira revolução sexual*, que acabaram por também contribuir no processo criativo do ensaio fotográfico final.

Revista Eros

A revista *Eros*¹³, com editoria de Ralph Ginzburg, teve vida curta – quatro números publicados no ano de 1962 – e ligada diretamente ao movimento da Revolução

Sexual, o que contribuiu para que fosse fortemente criticada pelas associações conservadoras estadunidenses e pela procuradoria-geral dos EUA, na pessoa do então procurador-geral, Robert F. Kennedy que processou Ginzburg dando fim precoce à publicação.

Eros was a stunningly designed hardcover "magbook" devoted to eroticism. While Playboy and other men's magazines of the time catered mostly to male fantasies, Eros (named for the Greek god of love and desire) covered a wide swath of sexuality in history, politics, art and literature. (HELLER, 2006).¹⁴

Em uma ação ousada,

além de publicar anúncios de página inteira em jornais de grande circulação, Ginzburg enviou 9 milhões de correspondências publicitárias convidando o público a conhecer a revista. Com isso, conseguiu 150 mil assinantes, mas também 35 mil cartas de reclamação dirigidas aos correios americanos, muitas delas instigadas por associações conservadoras. (ROCHA, 2018).¹⁵

No entanto, mesmo com suas poucas edições, a revista conseguiu ficar no legado da história das publicações, com um design aprimorado e moderno para a época, trouxe artigos, matérias e ensaios fotográficos ousados, como o da Marilyn Monroe feito por Bert Stern. Vale um destaque especial para o Black & White in Color de Ralph M. Hattersley Jr. (Figuras 1, 2 e 3), no qual o fotógrafo coloca um homem negro e uma mulher branca juntos. Ensaio presente na última edição e que foi o estopim de severas críticas dos mais conservadores, o que levou o procurador-geral a processar Ginzburg. Na página de apresentação do ensaio, podemos ler o seguinte:

On the following eight pages, EROS proudly presents a photographic tone poem on the subject of interracial love. This is presented with the conviction that love between a man and woman, no matter what their races, is beautiful. Interracial couples of today bear the indignity of having to defend their love to a questioning world. Tomorrow, these couples will be recognized as the pioneers of an enlightened age in which prejudice will be dead and the only race will be the human race. (EROS, 1962).¹⁶

**black
&
white
in
color**

A PHOTOGRAPHIC TONE POEM BY RALPH M. HATTERSLEY JR.

On the following eight pages, EROS proudly presents a photographic tone poem on the subject of interracial love. This is presented with the conviction that love between a man and a woman, no matter what their races, is beautiful. Interracial couples of today bear the indignity of having to defend their love to a questioning world. Tomorrow these couples will be recognized as the pioneers of an enlightened age in which prejudice will be dead and the only race will be the human race.



Figura 1. Black & White in Color, Ralph M. Hattersley Jr. (1962).¹⁷

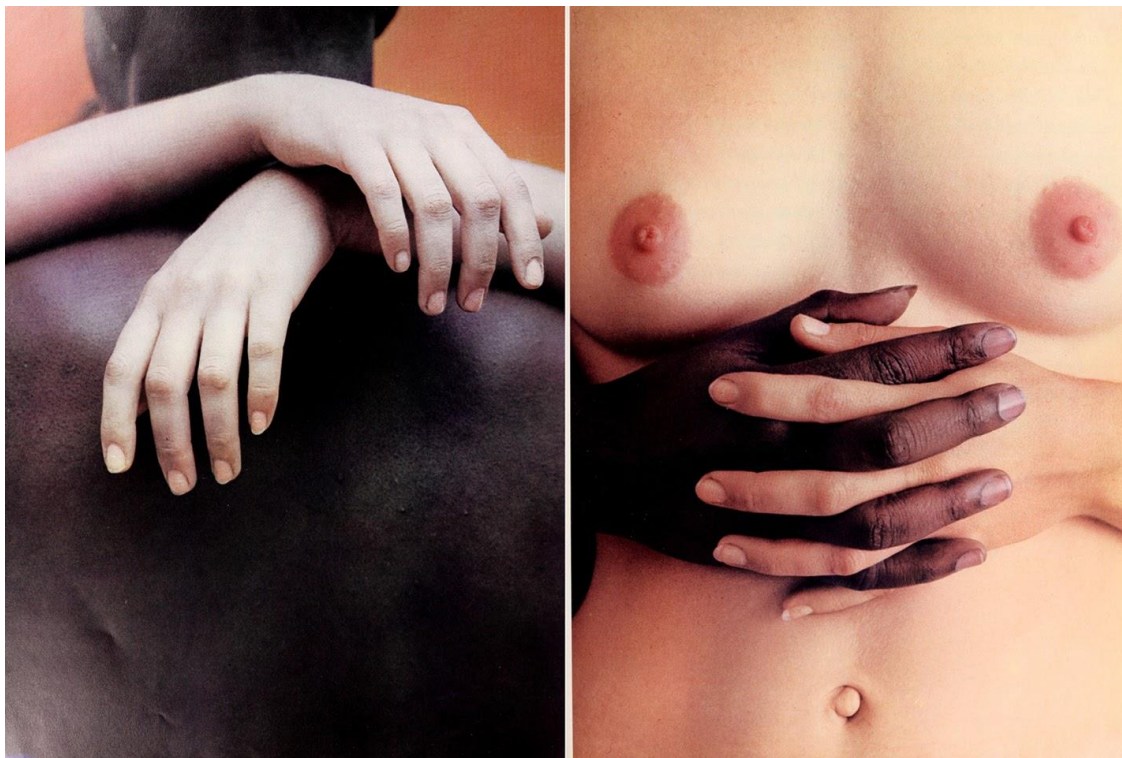


Figura 2. Black & White in Color, Ralph M. Hattersley Jr. (1962).¹⁸



Figura 3. Black & White in Color, Ralph M. Hattersley Jr. (1962).¹⁹

Este ensaio, em particular, foi um grande inspirador para a construção do meu próprio ensaio. Fotos, em sua maioria, com planos fechados, com foco no casal e no que representa essas duas pessoas no cenário social da época e, principalmente, a expressividade do olhar dos dois como na Figura 2. Ambos na mesma direção, pra frente, para o futuro, para o horizonte, os novos tempos. Olhar leve, mas desafiador como se anunciasse que as imagens presentes nas páginas seguintes é o amanhã, aceite. Uma mensagem forte em um contexto social racista e conservador.

Primeira Revolução Sexual

Outro fato curioso resultante da minha pesquisa veio com o livro *As Origens do Sexo - uma história da primeira revolução sexual*, de Faramerz Dabhoiwala, historiador da Universidade de Oxford, que afirma que a primeira revolução sexual não aconteceu nos anos 60, mas bem antes, ainda no século XVIII.

O surgimento das atitudes modernas em relação ao sexo no fim do século XVII e no XVIII, portanto, constituiu uma grande revolução. O objetivo deste livro é explicar como isso aconteceu. (...) O assunto é imenso, e, no entanto, foi pouco estudado — pior ainda, sua existência mal é reconhecida. Mais de trinta anos atrás, sir Keith Thomas e o finado Lawrence Stone, os primeiros grandes historiadores ingleses do tema, reconheceram que o período entre 1660 e 1800 foi um importante divisor de águas, “uma grande mudança secular nas atitudes e comportamentos

sexuais”, o nascimento da mentalidade moderna. Mas suas origens continuam inexplicadas. (...) De fato, minha meta geral era mostrar que a revolução sexual foi uma parte central do Iluminismo europeu e norte-americano: ela ajudou a criar um modelo totalmente novo de civilização ocidental, cujos princípios de privacidade individual, igualdade e liberdade continuam distintos até hoje. (...) Este livro assume uma visão mais ampla do que foi o Iluminismo — não apenas uma série de debates filosóficos esclarecidos entre intelectuais, mas uma série de mudanças sociais e intelectuais, de uma ponta à outra da sociedade, que alterou as noções de religião, verdade, natureza e moralidade de quase toda a população. A revolução sexual demonstra como os modos de pensar iluministas se propagaram de maneira vasta e veloz, e quais efeitos importantes eles surtiram nas atitudes e comportamentos populares. (DABHOIWALA, 2013, Prólogo).²⁰

Chamou minha atenção este estudo de Dabhoiwala e torna-se válido pontuar a sua existência uma vez que, no projeto fotográfico a ser realizado, indago a possibilidade da existência de uma nova revolução sexual. De acordo com o autor, sobre a primeira revolução sexual:

Como veremos, embora a longo prazo, os ideais de liberdade sexual viriam a se tornar muito mais amplamente aceitos a curto prazo, o seu avanço, como o de outros tipos de liberdade, beneficiou, acima de tudo, uma minoria de homens brancos, heterossexuais e detentores de propriedade. Tentei indicar algumas das contradições e disparidades mais óbvias da revolução sexual, principalmente para as mulheres. Espero que minha análise instigue outros estudiosos a explorar mais a fundo suas diversas implicações para mulheres e homens, para as relações homossexuais, para diferentes classes e grupos sociais, e em outras sociedades ocidentais. (DABHOIWALA, 2013, Prólogo).²¹

O pensamento de Dabhoiwala instigou-me ainda mais a idealizar essa "terceira revolução sexual". Como ela se daria no século XXI? Quais seriam os seus ideais? E é o que apresento a partir de agora.

Revolução Sexual do Século XXI - Uma Ideia

Estamos no fim da segunda década deste século, quais questões precisamos resolver em relação ao sexo, ou melhor, a sexualidade? Passados muitos anos depois da Revolução Sexual de 1960, grupos de movimentos sociais se consolidaram e tornaram realidades muitos anseios, como o direito ao casamento LGBT, direito ao aborto, acesso a métodos contraceptivos, direitos trabalhistas entre outros. Sendo assim, ainda há necessidade de uma revolução sexual neste século?

Infelizmente, a resposta é sim. Em muito, evoluímos, mas racismo, lgbtphobia, transfobia, sexismo, gordofobia e uma gama de preconceitos se fazem presentes todos os dias, no mundo inteiro. Os movimentos por direitos humanos nunca tiveram que lutar tanto para, não apenas conquistar novos espaços, mas manter os já alcançados. Vivemos em uma época de altos índices de suicídios, de depressão, de isolamento, entre outros problemas que afetam não apenas a sociedade, mas cada ser humano individualmente; uma época de negação da própria identidade, do corpo e do desejo. Ao mesmo tempo que conquistamos direitos coletivos, estamos batalhando pelo simples direito de ser e existir.

Partindo destes pontos, a Revolução Sexual do século XXI não seria somente sobre termos o direito de fazermos sexo com quem quisermos ou romper com o sistema e acabar com as desigualdades. Estas lutas estão consolidadas no nosso dia a dia. A nova revolução não seria sobre nudez ou o sexo, ainda que ambos ainda sejam grandes tabus e muito precise ser falado nestas áreas. A nova revolução é sobre autoaceitação. A grande transgressão é olhar-se no espelho e aceitar-se. A Revolução Sexual do século XXI é sobre identidade.

Mas fica a pergunta feita por Canton: "será que ainda se pode falar em uma identidade única, em uma essência do eu?" (CANTON, 2009, 15)²². Vivemos em uma época onde a ideia de identidade se torna mais fluida, ou como afirma Stuart Hall sobre as identidades em tempos de globalização – a identidade pós-moderna:

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade única e estável está se tornando fragmentado, composto não só de uma única, mas de várias identidades, muitas vezes contraditórias ou não resolvidas (...) Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais (...) É definida historicamente, e não biologicamente (HALL, 2006, p. 12-13)²³.

Assim, nesta realidade de identidades fluidas, como entender a própria identidade? Por muito tempo, nos tem sido dito que temos que ser isto ou aquilo, que não existe uma terceira escolha – ou outras. Por muitos anos, determinou-se que homem é isto e mulher, aquilo e qualquer outra forma de identidade fora deste padrão é inaceitável. Teóricos como

Butler e Preciado evidenciam como o discurso heterocentrado atua na produção de corpos-homem e corpos-mulher. Um dos alvos de suas reflexões é desmontar os binarismos natureza/cultura, homem/mulher, heterossexualidade/homossexualidade, etc. (SILVA, 2016, p. 159).²⁴

Paul Preciado escreve já no primeiro capítulo do livro *Manifesto Contrassexual*:

Os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem outros corpos falantes. (...) renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes. (PRECIADO, 2017, p. 21).²⁵

Ou seja, uma nova revolução acontecerá quando os indivíduos olharem para si, não mais como um corpo social pré-moldado, mas um corpo que se expressa, o Corpo Falante (PRECIADO, 2017), que olha pra si, se reconhece para então, reconhecer o outro; Não apenas um corpo matéria, mas um corpo conectado a mente/alma, longe da visão platônica ou aristotélica do corpo como apenas um habitat para a mente/alma, como se fosse hierarquicamente inferior e submissa. O Corpo Falante é mais próximo da visão de Espinosa, que defende a unicidade do corpo e da alma.²⁶

Assim, quanto mais perto o indivíduo estiver da potência do seu corpo, mais próximo estará da potência da sua mente. O que me faz lembrar algo que Judith Butler escreveu: "em que medida jovens e adultos são livres para construir o significado de sua atribuição de gênero?" (BUTLER, 2017)²⁷. Seguindo essa linha: em que medida o indivíduo se sentirá livre não apenas para questionar o sistema, sua sexualidade, mas, principalmente, construir sua própria identidade em corpo e mente? E voltando à minha primeira pergunta: hoje, em pleno século XXI, qual - ou como - seria essa revolução sexual?

Reforçando o que escrevi antes, seria sobre autoaceitação, partiria do olhar individual de cada um sobre si mesmo. De reconhecer-se, identificar-se e aceitar-se, para então, seguir para o coletivo, o reconhecimento, a identificação e aceitação do outro.

Finda a primeira pergunta, sigo para a próxima: e como traduzir essa ideia em um ensaio fotográfico?

Construção do Ensaio Fotográfico

Alguns dias antes da realização do encontro, tomei conhecimento do grupo de pessoas que fariam parte do meu time. O grupo não era tão diversificado como gostaria: senti falta de pessoas trans e não-binárias. No entanto, como a participação no projeto foi voluntária, era com aquelas pessoas que iria realizar a sessão fotográfica e, junto com elas, buscar traduzir o sentimento da revolução sexual do século XXI conforme a idealizei anteriormente.

Comecei criando um grupo no WhatsApp com todos²⁸: Shirley Souza (Figura 4), Mari Borto (Figura 5), Edson Fernandes (Figura 6), Erick Zamorim (Figura 7), Kaique Moreira (Figura 8), Rodrigo RI (Figura 9) e Leo Henrique (Figura 10). Apresentei-me e pedi para fazerem o mesmo. Em seguida, enviei-lhes um pedido, uma reflexão de vital importância para o ensaio fotográfico traduzir a Revolução Sexual como a idealizei:

A grande revolução sexual deste novo século não é a nudez ou o sexo. Estes estão por aí, em todos os lugares. Tá no filme, na novela, na internet, no app. A revolução sexual de hoje é autoaceitação da sua própria identidade, da sua própria sexualidade, do seu sexo e do seu corpo. Assim, como vocês pensam a revolução sexual e traduzam esta reflexão em suas próprias vidas e em seus próprios corpos? A partir daí, transformem em um sentimento e/ou um olhar sobre vocês mesmo. É este o sentimento e/ou olhar que gostaria de ver em vocês no dia do nosso encontro. Não quero que me respondam sobre aqui no WhatsApp. Que esta reflexão seja algo de cada um de vocês consigo mesmo. Uma auto-conversa. (THE RED, 2019, Conversa em Grupo do WhatsApp)²⁹.

Uma vez que plantei a semente da nova revolução sexual em suas mentes, outros aspectos do ensaio precisavam ser visto. Por exemplo: a escolha de qual espaço, dentro do Terraço Petiscaria Beer (Carapicuíba, São Paulo), as fotos seriam realizadas. Como já tinha conhecimento prévio do lugar, por ter participado da edição de 2018 deste projeto, sabia exatamente qual seria o escolhido: o banheiro. Este conversa diretamente com a essência deste projeto. O banheiro tem significado muito próximo à nossa identidade. É o lugar onde nos desnudamos do mundo exterior para olharmos-nos no espelho. É onde nos colocamos só com nós mesmos, ou seja, o espaço que traduziria bem a proposta e iria ao encontro do pedido de reflexão feito por WhatsApp.

Por fim, um outro aspecto em a relação a maquiagem. Esta foi simples, a partir do momento que toda a proposta do ensaio surge da ideia de construção e aceitação da própria identidade como a revolução sexual do novo século, não caberia a mim determinar como deveria ser a maquiagem. Assim, pedi que a equipe de maquiagem conversasse diretamente com o grupo para eles decidirem como queriam suas próprias maquiagens, respeitando suas próprias identidades.

Foram estas linhas de pensamento e ação, a força motriz para imprimir no ensaio as bases da "nova" revolução sexual.

Realização das Fotos

O ensaio aconteceu dia 15 de setembro de 2019. No dia, individualmente, fui convidando cada um deles e delas para encontrar-me no espaço escolhido: o banheiro. Antes mesmo de pegar a câmera e começar os registros, conversamos sobre a ideia de revolução sexual nos tempos atuais, sobre nossas vidas e a todes, eu dizia que não iria realizar cenas posadas, que seriam eles e elas que me conduziram, que poderiam usar os acessórios que os identificassem, assim como, se gostariam de convidar alguém para ser fotografado junto. Por fim, pedia: "olhe-se no espelho e converse consigo. Nesse banheiro, não tem mais ninguém. Só você, eu sou um coadjuvante aqui com uma câmera. Então, quem é você? Quando está em frente a um espelho, o que sente? Aceita? Rejeita? Quer se encaixar em algo que lhe é dito como padrão?"

Finalizada essa conversa inicial, eu dava um tempo para imergirem em si próprios e só então, tinha início os cliques. Em nenhum momento, queria contar a minha história através delxs. Estava em busca daquele olhar que encontrei nas fotos do Ralph M. Hattersley Jr. e eu não o alcançaria com um ensaio dirigido.

E assim foi com cada uma daquelas pessoas que adentravam aquele banheiro. Mistura de conversas, alegrias, receios, dúvidas e lágrimas, de emoção e de silêncio. Cada um, da sua forma, buscou sua própria revolução. Ao final, quando os olhavam, via em cada um deles a revolução sexual idealizada para este século XXI e fazia dois últimos pedidos: "gostaria que você olhasse mais uma vez para o espelho e dissesse uma palavra de afeto para si, qualquer palavra que você sinta que precisa ser dita e depois, olhasse diretamente para minha câmera". O grande desafio é aceitar a si próprio. Aceitar que não existe uma única forma de SER, de EXISTIR, aceitar que o Olhar sobre si mesmo não pode ser cruel, mas gentil e humano.

E com um abraço forte, finalizávamos e quando saíam do banheiro, ali ficava eu em minha própria revolução, realizado e feliz com a certeza de que tínhamos alcançado o que em minha mente era a verdadeira revolução sexual nesses tempos atuais. Angela Davis já nos falou uma vez para mudarmos as coisas que não podemos aceitar e ali estava eu, buscando minha própria revolução sexual, reconhecendo em mim o Corpo Falante que quero ser - em mente e corpo.

Retratos de uma Identidade Singular



Figura 4. Chris, The Red. Revolução Sexual. Shirley. São Paulo. 2019. Fotografia. 60 x 40 cm



Figura 5. Chris, The Red. Revolução Sexual. Mari. São Paulo. 2019. Fotografia. 60 x 40 cm



Figura 6. Chris, The Red. Revolução Sexual. Edson. São Paulo. 2019. Fotografia. 60 x 40 cm



Figura 7. Chris, The Red. Revolução Sexual. Erick. São Paulo. 2019. Fotografia. 60 x 40 cm



Figura 8. Chris, The Red. Revolução Sexual. Kaique. São Paulo. 2019. Fotografia. 60 x 40 cm



Figura 9. Chris, The Red. Revolução Sexual. Rodrigo. São Paulo. 2019. Fotografia. 60 x 40 cm

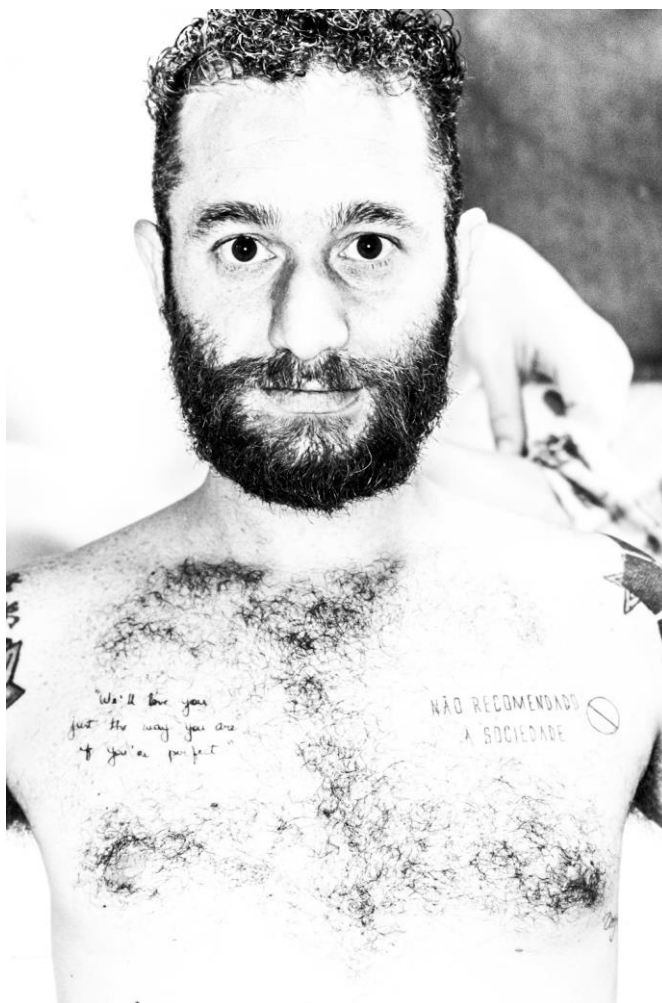


Figura 10. Chris, The Red. Revolução Sexual. Leo. São Paulo. 2019. Fotografia. 60 x 40 cm

Conclusão

Ainda que seja uma ideia, uma nova revolução sexual seria bem-vinda. Não nos moldes da Revolução Sexual dos anos 60/70, como proposto. E sim, uma nova perspectiva sobre atos revolucionários, nos quais cada indivíduo não buscará, num primeiro momento, mudanças radicais nos contextos políticos, econômicos, culturais e/ou sociais nas sociedades em que está inserido, mas romperá com os padrões opressores que lhe foi imposto e fará uma revolução interna, buscando auto-aceitação – sua própria identidade, em que se perceberá com um novo olhar. Um olhar menos cruel e julgador. Mais livre, em corpo e mente. E uma vez realizada esta auto-revolução, sentir-se-á mais livre para revolucionar seu meio.

Desde quando o convite foi realizado, ansiava por um ensaio fotográfico que não fosse uma literalidade da temática proposta, mas a resignificação de uma ideia que é tão contemporânea – e necessária – tanto agora quanto como foi nos anos 60 (ou em 1700): a liberdade de ser. A liberdade de cada um buscar sua própria identidade –

revolução. E foi com esta perspectiva em mente que este ensaio foi construído. Não apenas registros fotográficos da materialidade de seus corpos, mas de suas essências. Tudo aquilo que os fazem únicos, ou melhor, singulares.

Notas

¹ Christian Gustavo de Sousa, também conhecido como Chris, The Red

² As fotos estão disponíveis em <http://www.thered.com.br>

³ ALMEIDA, Armando Ferreira, artigo "A contracultura ontem e hoje", apresentada em um ciclo de debates sobre o assunto, realizado em Salvador (BA), no mês de abril de 1996.

⁴ Alguns estudiosos discordam que houve de fato uma Revolução Sexual no Maio de 68: "Um clichê que se tornou nostálgico e mesmo conservador". A frase, do antropólogo, sociólogo e especialista em sexualidade na França, Michel Bozon, desmistifica a "revolução sexual", que supostamente teria eclodido junto com Maio de 68. Para ele, assim como para a historiadora Michelle Zancarini-Fournel, a liberação sexual nunca foi uma das pautas principais do movimento que completa 50 anos. Apesar de slogans eficazes, como "Gozem sem impedimentos" ("Jouissez sans entraves", no original em francês), a sociedade francesa da época era conservadora e tinha o casamento heterossexual formal como referência. A mudança veio, poderosa, mas nos anos pós-68, com os combates levados a cabo pelas feministas e pelos homossexuais na França. (Artigo Revolução sexual de Maio de 68 "nunca aconteceu", dizem especialistas, Carta Capital/RFI, 25 de julho de 2018. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/mundo/revolucao-sexual-de-maio-de-68-nunca-aconteceu-dizem-especialistas/>. Acessado em 27 de dezembro de 2019)

⁵ "No ano de 1967, em plena vigência da ditadura militar no Brasil, surge a Tropicália, com o objetivo de criar "algo diferente de tudo" (VELOSO, 2012, p.112), "como pertencente a uma outra dimensão" (id. ib.), negando – e, porque não, rompendo com – quase toda a música popular já existente no país. Esse movimento de contracultura expressava sua ânsia de rebeldia nas vestimentas, nos discursos e na própria postura dos integrantes, sendo, portanto, muito mais que uma mera reunião de acordes dissonantes." (Tropicália: a contracultura na Música Popular Brasileira. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013. GOULART, Ana Paula; TIMPONI, Raquel; JUSTEN, Janine; AUTRAN, Letícia; OLIVEIRA, Fernanda. Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/tropicalia-a-contracultura-na-musica-popular-brasileira>. Último acesso em 15 de janeiro de 2020).

⁶ BARROS, Patrícia Marcondes de. A revolução sexual nos anos 70 e o pensamento contracultural de Rosie Marie Muraro. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 9, n. 18, p. 98-108, set./dez. 2017

⁷ Ibidem. p. 102.

⁸ "O que se contesta, são tabus culturais e morais. Os costumes e os padrões de nossa sociedade judaico-cristã. Nossas tradições e preconceitos. Enfim, nossas instituições sociais". ALMEIDA, Armando Ferreira, artigo "A contracultura ontem e hoje", apresentada em um ciclo de debates sobre o assunto, realizado em Salvador (BA), no mês de abril de 1996.

⁹ LINS, Regina Navarro. O Livro do Amor, volume 2 (recurso eletrônico: do iluminismo à atualidade - Rio de Janeiro, Ed. Best Seller, 2012, ePub - Século XX: Revoluções — dos anos 1960 até hoje)

¹⁰ Ibidem

¹¹ Uso o termo "gay" em acordo com a terminologia utilizada na época. Nos dias atuais, o termo mais correto seria movimentos LGBTQIA+.

¹² Artigo Revolução sexual de Maio de 68 "nunca aconteceu", dizem especialistas. Carta Capital/RFI, 25 de julho de 2018. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/mundo/revolucao-sexual-de-maio-de-68-nunca-aconteceu-dizem-especialistas/>. Acessado em 27 de dezembro de 2019.

¹³ Disponível em <http://eros.110west40th.com/volumes/winter#1>. Acessado em 27 de dezembro de 2019.

¹⁴ "Eros foi uma impressionante revista de capa dura devotada ao erotismo. Enquanto Playboy e outras revistas masculinas da mesma época dedicavam-se às fantasias masculinas, Eros (nome do deus grego do amor e do desejo) cobriu uma ampla faixa da sexualidade na história, política e literatura." (Tradução por Christian de Sousa). Trecho do artigo Ralph Ginzburg, 76, Publisher in Obscenity Case, Dies, Steven Heller, 02 de julho de 2006, The New York Times. Disponível em <https://www.nytimes.com/2006/07/07/us/07ginzburg.html>. Acessado em 27 de dezembro de 2019.

¹⁵ ROCHA, Camilo. A revista que anunciou a revolução sexual dos anos 1960. 26 de junho de 2016, site Nexo. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/06/26/A-revista-que-anunciou-a-revolu%C3%A7%C3%A3o-sexual-dos-anos-1960>. Acessado em 27 de dezembro de 2019.

¹⁶ Nas próximas oito páginas, EROS orgulhosamente apresenta um poema de tom fotográfico sobre o amor interracial. Apresentado com a convicção de que o amor entre um homem e uma mulher, independente de suas raças, é lindo. Casais interraciais de hoje têm a indignidade de ter que defenderem seu amor para um mundo questionador. Amanhã, estes casais serão reconhecidos como os pioneiros de uma era iluminada, no qual preconceito estará morto e existirá apenas uma raça, a humana. (Tradução Christian de Sousa). Disponível em <http://eros.110west40th.com/volumes/winter#38>. Acessado em 27 de dezembro de 2019).

¹⁷ Disponível em <http://eros.110west40th.com/volumes/winter#39>. Acessado em 27 de dezembro de 2019.

¹⁸ Idem

¹⁹ Idem

²⁰ DABHOIWALA, Faramerz. As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual. Tradução: Rafael Mantovani. 1. ed. São Paulo: Globo, 2013. ePub.

²¹ Ibidem

²² CANTON, Katia. Corpo, identidade e erotismo. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009 - (Coleção temas de arte contemporânea)

²³ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

²⁴ SILVA, Natanael de Freitas. O conceito de Gênero em Scott, Butler e Preciado, Aproximações, Distanciamentos e a Contribuição para o Ofício do Historiador. Revista Hominum, Edição Nº 19, Outubro de 2016. ISSN 2316 4808.

²⁵ PRECIADO, Paul B. (Beatriz). Manifesto Contrassexual - práticas subversivas de identidade sexual. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições. 2017.

²⁶ Quanto mais um corpo é capaz, em comparação com outros, de agir simultaneamente sobre um número maior de coisas, ou de padecer simultaneamente de um número maior de coisas, tanto mais sua mente é capaz, em comparação com outras, de perceber, simultaneamente, um número maior de coisas. E quanto mais as ações de um corpo dependem apenas dele próprio, e quanto menos outros corpos cooperam com ele no agir, tanto mais sua mente é capaz de compreender distintamente. ESPINOZA, Beneditus de. Ética. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2009, Segunda Parte, Proposição 13, p. 59-60.

²⁷ BUTLER, Judith. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. 19 de novembro de 2017. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acessado em 29 de dezembro de 2019.

²⁸ Nesse artigo, optei por utilizar as terminologias *todes/todxs* que busca a exclusão da binariedade das palavras em respeito à diversidade e à luta dos movimentos das pessoas trans e não-binárias. Válido informar que tais termos não fazem parte da gramática formal, mas seu uso se torna importante no contexto das lutas pelo respeito ao direito das pessoas poderem ser quem quiserem em mente e corpo e vai ao encontro do que idealizei como a Revolução Sexual do Século XXI. Estudos apontam que o uso de termos neutros (como *todes* e *todxs*), ajudam a diminuir preconceitos: "Efrén Pérez, pesquisador de psicologia política na Universidade da Califórnia, à revista Wired. "Essas linguagens podem empurrar as pessoas em direções que alguns consideram dignas". (...) Pérez publicou um estudo na revista Nacional de Ciências dos Estados Unidos revelando que linguagens mais inclusivas fazem com que opiniões de massa sejam mais igualitárias em relação a gêneros e LGBTs. "Você não percebe diferentes realidades, mas coloca mais ou menos ênfase em diferentes aspectos", diz. Novos termos que abracem outras possibilidades de gênero, como o "hen" sueco ou os "todes" e "todx" em português, funcionam no sentido oposto da censura: em vez de apagar ideias da cultura, simplesmente contribuem trazendo mais opções e alternativas. (Todxs e todes: estudos indicam que a língua neutra diminui preconceitos. TAB. São Paulo. 15.08.2019. Disponível em <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/08/15/todxs-e-todes-estudos-indicam-que-a-lingua-neutra-diminui-preconceitos.htm>. Último acesso em 16 de janeiro de 2020.

²⁹ THE RED, Chris. Conversa de WhatsApp. 10 de setembro de 2019

Referências

ALMEIDA, Armando Ferreira, artigo "**A contracultura ontem e hoje**", apresentada em um ciclo de debates sobre o assunto, realizado em Salvador (BA), no mês de abril de 1996.

BARROS, Patrícia Marcondes de. **A revolução sexual nos anos 70 e o pensamento contracultural de Rosie Marie Muraro**. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 9, n. 18, p. 98-108, set./dez. 2017.

BUTLER, Judith. **Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil**. 19 de novembro de 2017. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acessado em 29 de dezembro de 2019.

CANTON, Katia. **Corpo, identidade e erotismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009 - (Coleção temas de arte contemporânea)

DABHOIWALA, Faramerz. **As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual**. Tradução: Rafael Mantovani. 1. ed. São Paulo: Globo, 2013. Formato: ePub.

ESPINOZA, Benedidus de. **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LINS, Regina Navarro. **O Livro do Amor**, volume 2 [recurso eletrônico] : do Iluminismo à atualidade / Regina Navarro Lins. - Rio de Janeiro : Best Seller, 2012. Formato: ePub.

PRECIADO, Paul B. (Beatriz). **Manifesto Contrassexual** - práticas subversivas de identidade sexual. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições. 2017.

ROCHA, Camilo. **A revista que anunciou a revolução sexual dos anos 1960**. 26 de junho de 2016, site Nexo. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/06/26/A-revista-que-anunciou-a-revolu%C3%A7%C3%A3o-sexual-dos-anos-1960>. Acessado em 27 de dezembro de 2019.

SILVA, Natanael de Freitas. **O conceito de Gênero em Scott, Butler e Preciado, Aproximações, Distanciamentos e a Contribuição para o Ofício do Historiador**. Revista Hominum, Edição Nº 19, Outubro de 2016. ISSN 2316 4808.

Artigo Revolução sexual de Maio de 68 “nunca aconteceu”, dizem especialistas. **Carta Capital/RFI**, 25 de julho de 2018. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/mundo/revolucao-sexual-de-maio-de-68-nunca-aconteceu-dizem-especialistas/>. Acessado em 27 de dezembro de 2019.

Christian Gustavo de Sousa (Chris, The Red)

Designer gráfico, artista visual, fotógrafo, escritor, performer, artista multimídia. Em 2002, fundou a The Red Studio, atuando há mais de 18 anos no campo do design e das artes e com trabalhos expostos em várias cidades. Na fotografia, explora o campo do sexo, do nu, da (pós) pornografia, dos corpos. Pós-graduado no Curso de Especialização em Artes Visuais - Cultura & Criação pelo SENAC/DF (2011). Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB) (2002). Contato: thered@thered.com.br.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.